

Produção brasiliense em foco

● **Mariana Vieira**

Especial para o Jornal de Brasília

Feito por brasilienses e exibido para os mesmos. Eis o lema da Mostra Brasília, que integra o festival. Em 2012, as sessões vêm em novo formato: pela primeira vez desde que foi criada, há 16 anos, ela teve uma seleção prévia de títulos. Serão dois longas e 16 curtas-metragens, sendo seis documentários e doze ficções, exibidos hoje e amanhã, em duas sessões, às 14h e 16h, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional.

Para os cineastas brasilienses, é a chance de exibir seu trabalho para o público local e ainda concorrer ao troféu Câmara Legislativa, que esse ano atingiu o total de R\$ 200 mil em prêmios.

Os dois longas selecionados são documentários. *Parece Que Existo* é uma produção que honra o lema do Cinema Novo: "Câmera na mão e uma ideia na cabeça", define João Macdowell, músico brasiliense que tem sua trajetória narrada pelo amigo de adolescência, o diretor Mário Salimon. João começou como músico em Brasília na década de 80, trabalhou como produtor musical no Rio de Janeiro e há dez anos atua em Nova York. Lá, ele montou, produziu e encenou a primeira ópera em língua portuguesa nos EUA. "E eu nem sabia desse ineditismo quando escrevi", brinca. O músico se diz apaixonado pela cidade, e sonha com a possibilidade de trazer *Tamanduá - A Ópera Brasileira*, para a capital. "Acho que tem tudo a ver com o momento em que o Brasil está em evidência com tantos eventos", observa.

MAIS OBRAS

Sob o Signo da Poesia, de Neto Borges, defende a tese de que se Brasília tivesse um signo que a representasse, seria a poesia. Para tanto, reúne depoimentos de poetas e artistas da cidade, como Nicolas Behr, TT Catalão e Vladimir Carvalho, além da participação do músico Zeca Baleiro e Reynaldo Jardim.

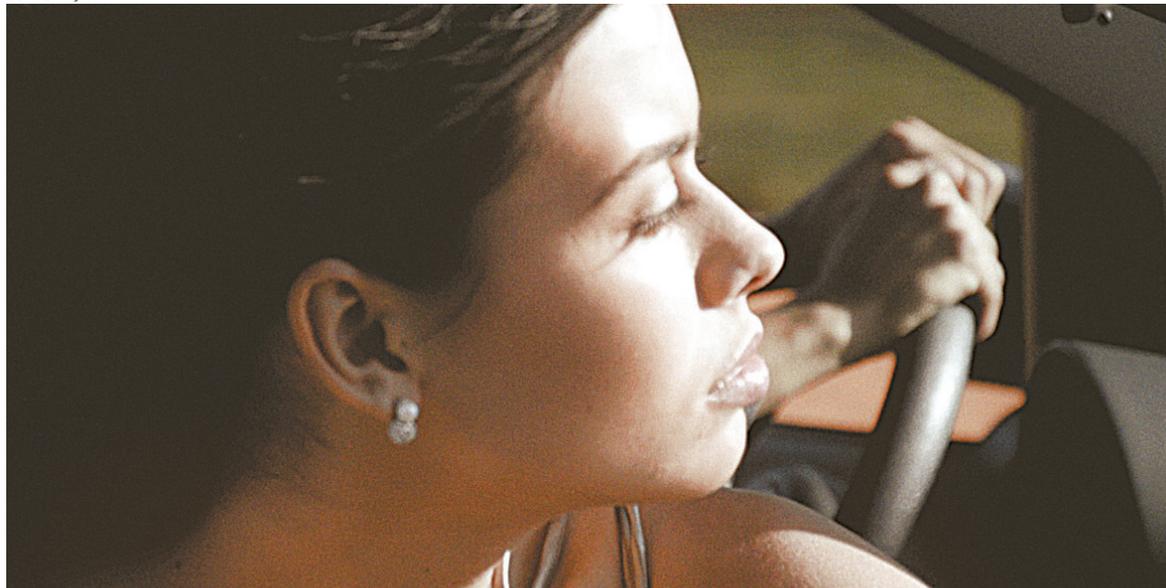
Dentre os curtas selecionados pa-

DIVULGAÇÃO



A carreira do músico João Macdowell aparece no documentário *Parece Que Existo*, de Mário Salimon

DIVULGAÇÃO



O curta-metragem de ficção *Um Copo d'Água*, de Maurício Chades, será exibido hoje, a partir das 16h

ra a mostra, prevalece a ficção, com diretores estreatantes. É o caso de Maurício Chades, que dirigiu *Um Copo d'Água*. Ele é aluno do curso de Audiovisual da Universidade de Brasília, e aceitou o pedido da amiga Patrícia Colmenero, autora do livro homônimo e roteirista. "A motivação principal foi perceber em Brasília locações com potencial dramático que a história exigia", conta Maurício.

Ele revela que não sabia da mudança no critério de seleção da mostra quando inscreveu o curta, mas aprova a mudança. "É uma forma de valorizar o público, pois evita que sejam exibidos filmes amadores e com qualidade técnica ruim. A curadoria é um discurso e deve ser assumido em festivais". Os outros curtas que integram a mostra são *A Caroneira*, de Otávio Chamorro e Tiago Vaz, *Bibinha - A Luta Continua!*,

de Adriana de Andrade, *Colher de Chá*, de J.Procópio, *Hereditário*, de Sérgio Lacerda e Johil Carvalho, *Hex omega*, de Diogo Serafim, *Kinólatras*, de Tiago Belotti, Rodrigo Luiz Martins e Gustavo Serrate, *Meu Amigo Nietzsche*, de Fáuston da Silva, *Na Cozinha*, de André Luis da Cunha, *O Corpo da Carne*, de Marisa Mendonça, *Sagrado Coração*, de Cauê Brandão e Vêi, de Érico Cazarré e Juliano Cazarré.

Encontro para os cineclubistas

Uma das atividades paralelas que o Festival de Brasília propôs este ano foi o encontro de cineclubes do Distrito Federal e Região Metropolitana. Hoje, das 14h às 18h, se reúnem na Sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional coordenadores dos cineclubes da cidade, juntamente com representantes da Secretaria de Educação e da Coordenadoria de Ensino Médio. A iniciativa tem classificação e entrada livre.

"É um marco histórico. O festival

surgiu dentro do movimento pioneiro de cineclubes em Brasília, e agora fazemos esse caminho inverso", estabelece o produtor cultural Pablo Feitosa, um dos organizadores do evento.

Ele explica que o cenário de cineclubismo na cidade experimenta um fortalecimento desde que foi implantado o programa Cine Mais Cultura, do Ministério da Cultura. "Foram 77 escolas agraciadas e 180 professores capacitados para a ati-

vidade cineclubista", conta Pablo.

As escolas receberam o material de som e projeção, além de acervo de filmes. "É muito importante aproveitar o papel que o cinema pode ter na educação", lembra o organizador. Há cinco anos militando pela causa, o representante do DF junto ao Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiro acredita que o encontro vai ser muito positivo: "Através da exibição de filmes fora do circuito comercial conseguimos a democratização do

cinema", conclui.

Durante o encontro serão debatidos os seguintes temas: Campanha dos Direitos do Público - os filmes são feitos para serem vistos; Autossustentabilidade e ações colaborativas em rede - modelos e propostas; Atual circuito alternativo de exibição no DF e Entorno (escolas públicas do DF) e Cineclubismo e Educação: Cine Mais Cultura na rede de ensino médio público no DF. (M.V.)

SAIBA +

A noite do terceiro dia de mostra competitiva lotou a Sala Villa-Lobos e acabou sendo a noite mais aplaudida do Festival de Brasília até agora. O documentário *Otto*, do mineiro Cao Guimarães, emocionou a plateia. Logo depois, foi a vez da delicada animação *O Gigante*, de Luís da Matta Almeida. No meio do curta, o som falhou e só voltou após reclamação do público.

O curta de ficção *A Mão que Afaga*, de Gabriela Amaral Almeida, conta a história de uma mulher que trabalha no telemarketing e mora com o filho. A protagonista, que tem problemas para se comunicar, emociona. Bem dirigido, simples e sincero.

O longa da noite foi *Boa Sorte, Meu Amor*, do pernambucano Daniel Aragão. Drama em preto e branco, o filme é um romance entre dois jovens que vivem em Recife e buscam coisas muito distintas. A produção confirma a qualidade do cinema pernambucano e foi muito aplaudida ao final da exibição. Já, é considerado, aliás, um dos favoritos ao prêmio. "Ele é uma experiência mais que pessoal para mim. E cada vez que o revejo, me contorço um pouco na cadeira", revelou o cineasta ao subir ao palco.

Aproveitando o Fórum de Defesa e Promoção do Cinema Infantil, foi endereçado à presidente Dilma Rousseff um documento que solicita a estruturação de uma política pública para o cinema e o audiovisual para a infância. Assinaram a carta: Zivaldo, Carla Camurati, Maria da Graça Xuxa Meneghel, Díler Trindade, Vladimir Carvalho, entre outros.